



UNICAMP



EVENTO: CARLTON DANCE FESTIVAL

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 19 jun 96

PÁGINA: D-2

SEÇÃO: CADERNO 2

Carlton Dance repete fórmula antiga

Festival só mostrou dois modelos diferentes de teatralidade: Alain Platel e Wim Vandekeybus

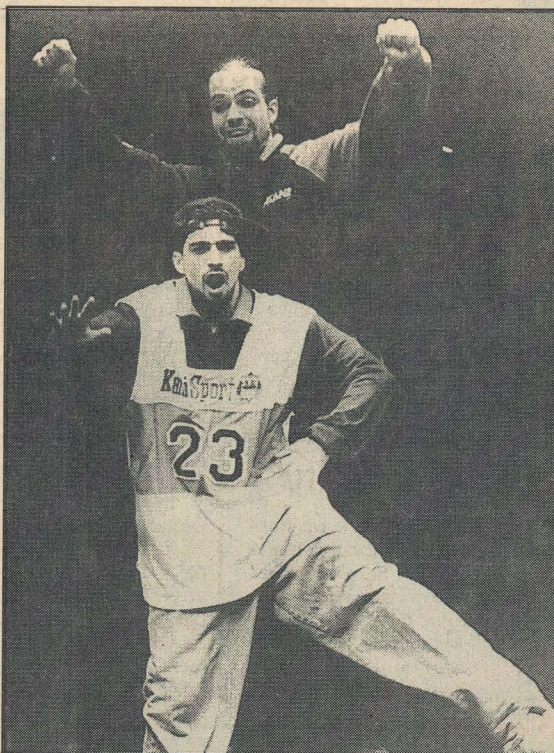
CHRISTINE GREINER
Especial para o Estado

Ontem foi o último dia do Carlton Dance Festival. No ano que vem, ele completará dez anos e, nesse percurso, muita coisa mudou.

Nas primeiras versões, havia uma tripla intenção: divertir, pinçar exemplos da vanguarda internacional e iluminar momentos preciosos da história da dança. Dentro dessa perspectiva, além dos cinco espetáculos estrangeiros e de um brasileiro, os artistas ofereciam workshops e era apresentada uma mostra de vídeo sugerindo pistas para os festivais seguintes, já que alguns coreógrafos não-convidados apareciam nessa seleção com suas pesquisas da vanguarda internacional e brasileira. Essas programações paralelas completavam o festival, oferecendo um bom cardápio para discussões. Além disso, abriam espaço de participação para aqueles que não podiam pagar os ingressos.

Infelizmente, com o passar dos anos, o festival foi sendo enxugado até o ponto de desaparecer, retornando apenas no ano passado. Na versão econômica, ficaram os espetáculos, mas todo o resto foi cancelado.

Para agravar a situação, o critério de seleção também parece ter mudado. A preocupação em trazer coreógrafos/pensadores que construíram a história da dança foi diluída. É uma pena. Foi por meio do Carlton Dance que muita gente conheceu paradigmas da modernidade e da pós-modernidade nos Estados Unidos (Martha Graham e Merce Cunningham), a pioneira da dança-teatro alemã Pina Bausch, a dança japonesa de Ushio Amagatsu, a



Ghettooriginal, em 'Jam on the Grove': diversão

nouvelle danse francesa com Jean-Claude Galotta e por aí vai.

Hoje, esses gênios da inventividade foram substituídos por companhias de digestão fácil, para agradar ao público em geral. Na onda do politicamente correto, o item diversão, que também sempre esteve presente com grupos tipo Momix, Pilo-boius e David Parsons, apostou, dessa vez, no popular. Danças que vieram da rua e experimentaram outra moldura, como o americano Ghettooriginal e o brasileiro Dança Olodum! O primei-

ro criou uma empatia com o público (segunda-feira, a galera Jabaquara Break deu um show à parte). Embora o grupo tenha insistido em contar suas histórias, o melhor do espetáculo ainda foi o círculo em que cada um exibiu as suas acrobacias. Já o Dança Olodum quis manter o clima de denúncia, relatando a

tragédia dos oito meninos assassinados em frente da Candelária, no Rio, mas montaram um espetáculo "para inglês ver". Na Inglaterra, onde se apresentam agora no Festival Lift, com certeza vão agradar como exóticos brasileiros.

No quesito vanguarda, não há o que reclamar. Os belgas Alain Platel e Wim Vandekeybus, pela segunda vez no festival, mostraram dois modelos diferentes de dança e teatralidade. Uma pena que não tenham tido uma aproximação mais direta com artistas e pesquisadores brasileiros, que teriam muito a trocar

e discutir.

Outra escolha excelente foi a de incorporar mais um espetáculo brasileiro aos convidados ilustres. A Cia. Quasar, de Goiânia, durante os seus oito anos de trabalho, incluindo turnês internacionais, construiu uma estética bastante particular, mas com uma exposição reduzida pelo Brasil.

Perspectivas — Para o ano que vem, em primeiro lugar, todo mundo fica torcendo para ter Carlton Dance. Garantido o evento, repetir as fórmulas antigas não parece a melhor solução. De 1987 a 1997, a pesquisa teórica e as experiências práticas têm conquistado novos pólos de atuação. Para um festival desse porte, manter a sintonia fina com a produção de dança no País, e fora dele, implica em incentivar novas discussões. Trancar o fluxo de idéias nos limites do espetáculo é o mesmo que interromper os movimentos. E não combina nem um pouco com quem tem incentivado dança há tantos anos.

EVENTO TEM
DE INCENTIVAR
NOVAS
DISCUSSÕES